

Unheimlich – Lugar de eleição da Angústia

Daniela Menaged¹

Em nota de rodapé de *Das Unheimlich* (1919), Freud relata uma situação pela qual passou em uma viagem de trem: estava ele sentado em seu compartimento quando um solavanco fez girar a porta do toailete e visualizou um senhor de idade, de roupão e boné de viagem entrando em seu compartimento. Quando se aproximava da porta na intenção de avisá-lo do engano compreendeu, imediatamente e para seu espanto, que o intruso não era senão seu próprio reflexo no espelho da porta. Curiosamente, diz que antipatizou prontamente com a figura que se apresentou diante de seus olhos. A imagem especular com a qual se surpreendeu e a qual recusou como lhe sendo própria, o remeteu à experiência do *unheimlich*, sentimento de radical estranheza com o que de mais familiar poderia haver - sua própria imagem refletida no espelho.

Nesse artigo, Freud aborda a irrupção de um afeto incomum em determinadas experiências, ao qual se refere como algo que traz à tona sentimentos opostos, repulsa, aflição, onde se impõe a idéia do fatídico e inescapável¹, ou como o que deveria permanecer oculto mas veio à luz². Demonstra que o *unheimlich* designa a coincidência entre o familiar e o não familiar, estando referido à idéia de casa e também de desalojamento; à radical estranheza que irrompe no inquietante encontro com o duplo, como correlato do que era oculto e veio à luz, do que emergiu ainda que à revelia do saber. Lacan explora amplamente este artigo ao desenvolver o tema da angústia, tratando-o como “eixo indispensável para abordar a questão da angústia”³.

Ainda no artigo em questão, Freud esmiúça o tema apontando a paradoxal coincidência evidenciada entre *heimlich* e *unheimlich*. O cerne da questão diz respeito ao radical *heim* e é deste termo que Lacan se apropria para, no Seminário X, desenvolver o tema da angústia. A respeito do lugar do *Heim*, afirma ele que é justamente este o lugar do aparecimento da angústia⁴. O sentimento de estranheza curiosamente trazido por vivências familiares, tal qual o encontro de Freud com sua própria imagem refletida na porta do compartimento do trem e o mal estar provocado pela experiência, o fez imediatamente rejeitar a imagem como sua. Ali a imagem especular tornou-se a imagem estranha e invasiva do duplo⁵, e a experiência do *heim*, a idéia do que é vivido quando da emergência da angústia.

Para prosseguir a respeito da tensão do duplo e do *heim*, Lacan menciona ainda a experiência vivida por Maupassant, que em determinado momento de sua vida começou por não mais querer se ver no espelho, por vezes percebia alguma coisa, tal qual um fantasma, o qual sabia não deixar de ter certa relação com ele. Quando o fantasma se virava, o escritor via que era ele⁶. Destaca a referência ao duplo como lugar onde a constituição da imagem especular mostra seu limite, dando assim margem à sua constituição como lugar privilegiado de eleição da angústia⁷.

A imagem recusada do duplo nos faz aparecer como objeto, diz Lacan, por nos revelar a não autonomia do sujeito. Desta casa que outrora supunha sua o sujeito se descobre desalojado. O estranho e o invasivo habitam em sua própria morada e lá onde o sujeito se reconhecia, encontrará o inefável, revelando sua não autonomia. O afeto angústia

¹ Participante da Escola Letra Freudiana

indica precisamente o momento em que do lugar de sujeito resta a posição de objeto. O *heim*, radical referido à emergência da angústia, designa o ponto de rachadura em que o sujeito não mais se reconhece em sua imagem, revelando, numa fratura muito íntima, a sua localização no campo do Outro. Sua ausência revela-se em sua própria presença, entretanto, na qualidade de objeto, evidenciando a posição sempre ocupada de submissão ao desejo do Outro.

A presença no Outro não engana e esta experiência é demonstrada com o afeto em causa no Sem. X. A angústia comparece como resposta à opacidade do desejo do Outro. É o ponto de certeza, de desengano; que desvela a dimensão do Outro, e o ponto de captura do sujeito no enigma do desejo do Outro. Diante da pergunta sobre o desejo do Outro, *Che Vuoi*, o sujeito responde com seu fantasma, e é com ele que se defende ante a invasão do real imposta pela angústia.

Como resposta a presentificação do desejo do Outro em sua intrigante opacidade, o afeto em causa diz respeito à forma como o sujeito foi marcado pelo Outro. Trata-se do preço pago pelo acesso ao desejo. Se a ordem do significante promove a possibilidade do engano, a angústia é, como bem demonstra Lacan, o “corte nítido sem o qual a presença do significante, seu funcionamento, seu sulco no real, é impensável”⁸. Ponto onde se destaca o *Heim* insurgido e cortante da angústia, que dá margem à constituição do mundo do significante; mundo do sujeito falante.

Da operação que articula o campo do Outro ao homem, resulta um resto. É desta operação, que resulta numa perda, que o sujeito se constitui. O objeto *a* pode ser considerado como a nominação deste resto, pois se há algo em comum entre o sujeito e o Outro é o objeto *a*. O objeto *a* pode ser entendido como o que resta ante a marca imprimida pelo Outro no corpo, ou seja, o que há na intersecção entre o sujeito e o Outro.

Da carne faz-se corpo, diz Lacan, e é a partir dessa operação que o sujeito do desejo constitui-se no Campo do Outro, sob os auspícios do significante. A extração do objeto *a* resulta de um corte que demanda a cessão de algo como preço pago pelo acesso ao desejo.

No Seminário X encontramos a afirmativa de Lacan *A angústia não é sem objeto* e podemos dizer que se algum objeto pode ser próprio à angústia, esse objeto só poderia ser o objeto *a*. Objeto este ao qual podemos nos referir como despojado de toda objetividade, inapreensível à experiência (...). Aquele que tem a angústia como sua manifestação mais flagrante⁹. O objeto *a* é aquele que representa a perda constitutiva do sujeito, o mais radical objeto perdido, correlato de um *pathos* de corte¹⁰.

Objeto perdido desde Freud, representado por uma separação, o que está perdido promove movimento, busca, insistência, na via desejante. O que se apresenta como perdido é a causa que faz desejar. Parte extraída, cortada da carne, função de falta que conduz e comanda na via do desejo.

O objeto *a* é a “parte residual” que se faz quando se produz o *corte*; seja do cordão umbilical, seja da circuncisão¹¹, afirma Lacan. Ao mencionar a circuncisão, Lacan ainda põe em destaque a função do *corte* no que concerne à angústia de castração¹². Menciona a circuncisão como pacto simbólico representante do enlace com Deus, condição para que aquele que a ela se submete seja reconhecido. O rito da circuncisão representaria o ato como resposta à demanda de Deus de que algo seja cedido como oferenda; em que aquele que se submete sofre os efeitos do corte e venha existir e ser legitimado como sujeito. O que se destaca aí é a relação com o objeto perdido como tal, do *objeto a*, como cortado, do pedaço de carne que está em questão e é “objeto do rito”¹³. Tal operação relega o sujeito a

uma subordinação irreversível à ordem significante em que o sujeito não é reconhecido como *objeto de desejo senão como corpo*¹⁴.

Lacan acrescenta a esta idéia a menção da obra de Shakespeare *O Mercador de Veneza*. O que está em jogo é um pacto pelo qual uma *libra de carne* é pedida como garantia de quitação de uma dívida. A dimensão do Outro e a inserção na *máquina formal* do significante impõem uma irreduzível dívida a pagar numa relação na qual “é sempre com nossa carne que temos de saldar a dívida”¹⁵. Na operação que enlaça o sujeito ao Outro há um resto que imprime a marca de uma dívida irrecuperável, a ser paga com o corte em sua própria carne.

O preço a pagar com o próprio corpo e o corte que nele se incide, figuram como pontos nodais na abordagem da questão da angústia. A problemática da angústia nos introduz numa função radical, que pode ser compreendida como a função da falta¹⁶ e a partir desta dimensão, diz Lacan, “a maneira mais segura de abordar esse algo perdido é concebê-lo como um pedaço do corpo”¹⁷.

A noção de objeto perdido diz respeito a esse resto, produto de uma operação que faz da carne, corpo. Da dívida contraída com o Outro o que resta é o objeto perdido, para sempre irrecuperável, engendrado pelo corte irreversível que o significante faz incidir no corpo.

A angústia desempenha a função de sinal, nos diz Freud; e Lacan acrescenta que se trata de um sinal referido ao que se passa em termos da relação do sujeito com o objeto *a*. “A angústia é o sinal de certos momentos dessa relação”¹⁸ em que o sujeito comparece pontualmente na vacilação. Da imagem do próprio corpo fornecida pelo espelho do Outro há algo de *êxtimo*, que escapa e podemos dizer com Lacan que essa experiência seria da ordem do “surgimento do *heimlich* no quadro que representa o fenômeno da angústia”¹⁹. É na direção da abertura da angústia que o significante vai cavar sulcos no real fazendo furo e produzindo suporte ao corpo. A angústia de que se trata, podemos dizer que é o afeto do pré-sentimento, da aproximação²⁰ de um interior/exterior, hostil e inassimilável.

Referências Bibliográficas:

1 FREUD, S. (1919) *O Estranho*, in Obras Completas, vol. XVII, Rio de Janeiro, Imago Ed., p.296/297.

2 idem, p.282.

3 LACAN, J. Seminário, livro 10, *A Angústia*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2005, p. 51.

4 idem, 60.

5 idem, 112.

6 idem, 112.

7 idem, 121.

8 idem, 88.

9 idem, 98.

10 idem, 237.

11 idem, 110.

12 idem, 102.

13 idem, 235.

14 idem, 237.

15 idem, 242.

16 idem, 146.

17 idem, 149.

18 idem, p. 98.

19 Idem, p. 87.

²⁰ idem, p. 88.

Bibliografia:

FREUD, S. (1919) *O Estranho*, in Obras Completas, vol. XVII, Rio de Janeiro, Imago Ed., 1990.

----- (1926) *Inibição, sintoma e angústia*, in Obras Completas, vol. XX, Rio de Janeiro, Imago Ed., 1990.

LACAN, J. (1962-1963) *O Seminário livro 10, A angústia*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2005.

SHAKESPEARE, W. *O Mercador de Veneza*, trad. Nunes, Carlos Alberto, Rio de Janeiro, Ediouro.